

## Música, expressão mais simples

Daniela Aragão

Gravar o primeiro disco é sempre um desafio – e em geral o artista imagina que deve mostrar tudo e tudo o mais de uma só vez. Os discos de estréia costumam pecar justamente pelo excesso que advém da ânsia de absoluto. No caso do intérprete, por exemplo, nem sempre é no primeiro trabalho que ele consegue mostrar a que veio.

A escolha do repertório é uma das tarefas mais difíceis, principalmente quando ainda se está construindo uma personalidade artística/musical. Submetido ou não ao mercado, o cantor deve escolher composições que possam traduzir sua alma. Isso nada tem a ver com a opção por um repertório meloso e repleto de canções românticas. O artista precisa encontrar afinidade com aquilo que canta para que ultrapasse a mera classificação de “voz bonita”.

Uma possível alternativa que costuma favorecer tanto o intérprete iniciante quanto o experiente é a escolha da obra de um determinado compositor com a qual ocorra identificação. Contudo, eger uma obra implica não só identidade com o universo do compositor, mas justamente a capacidade de dar uma leitura muito pessoal à sua obra.

Acabo de ouvir *Solidão*, de Dolores Duran, na voz de Nana Caymmi: “Eu quero qualquer coisa verdadeira/Um amor, uma saudade/Uma lágrima, um amigo/Ai, a solidão vai acabar comigo”. Nana gravou *A noite do meu bem*, disco dedicado às composições de Dolores Duran. Re-ouço agora algumas músicas com renovada emoção. Nana se apropria das canções como se fosse ela própria a sofrer de amor, sozinha numa mesa de bar. A cantora funde sua emoção à carga existencial de Dolores, que viveu tanto em tão pouco tempo. Nana cantou Dolores, mas acima de tudo cantou a si mesma.

Claudio Nucci imprimiu sua marca ao gravar *Ao mestre com carinho*, disco em homenagem a Dorival Caymmi. O cantor e violonista ressalta as “maravilhas” da baianidade, sem cair em interpretações pasteurizadas. Nucci não se descuida sequer de uma sílaba das letras de Caymmi – todas elas aparentemente tão simples, mas tão ricas em sua construção sintética. O timbre muito belo que tende ao suave se encaixa muito bem na proposta do trabalho.

Nem passadista nem modernoso, Claudio Nucci encontrou a medida certa e criou um disco que vence a barreira do tempo. O disco foi lançado há quatro anos e ainda mantém o mesmo frescor. Canções que falam dos homens do mar, das baianas quituteiras de vestido branco rendado e das mulatas de requebrado sensual que caminham pelas ladeiras de Salvador: “Para te agradar/ Ai, eu trouxe os peixinhos do mar/ Morena/ Para te enfeitar/ Eu trouxe as conchinhas do mar/ As estrelas do céu/Morena/ E as estrelas do mar/ Ai, as pratas e os ouros de Iemanjá/ (...) Andei por andar, andei/E todo caminho deu no mar/Andei pelo mar, andei/Nas águas de Dona Janaína/ A onda do mar leva/ A onda do mar traz/ Quem vem pra beira da praia, meu bem/ Não volta nunca mais”.

Tudo isso para chegar na carioca Eveline Hecker. Para dizer que seu cd *Ponte aérea* é um disco de estréia que voa muito alto. A cantora, que foi integrante da *Banda Nova* de Tom Jobim, e do grupo *Arranco de Varsóvia*, interpreta composições de José Miguel Wisnik neste seu primeiro álbum. Músico, compositor, ensaísta e professor de literatura brasileira da USP, Wisnik é autor de *O som e o sentido*, livro que já se tornou um clássico no que se refere à reflexão aprofundada das questões musicais. Transitando entre a vida acadêmica e a criação pura, Wisnik compõe com o som e o sentido absoluto de cada palavra: verso, acorde, harmonia, nuance, pausa, melodia, silêncio.

Ouvir *Ponte aérea* exige entrega. As construções harmônicas e melódicas são assimiláveis, mas sente-se a fuga de qualquer obviedade. Wisnik traz o depuramento na base de suas composições, densas e simultaneamente secas em sua economia sonora. Talvez esteja submerso o *animus* do intelectual, leitor de poesia, que se une à *ânima* do criador, sentimento que aflora. A valorização do silêncio no corte exato, como queria o Cabral de *A palo seco*: “Ou o silêncio é uma tela/que difícil se rasga/e que quando se rasga/não demora rasgada;/quando a voz cessa, a tela/se apressa em se emendar:/tela que fosse de água,/ou como tela de ar”.

Eveline Hecker estudou canto e piano, por isso não foi à-toa que Tom Jobim a convidou para integrar seu grupo. Ela extrapola os limites do simples cantar, pois tem conhecimento das sutilezas da canção. Seu timbre suave e aveludado caminha de braços dados com cada tecla do piano de Wisnik. Em *Ponte aérea*, música de abertura que dá título ao cd, a divisão de Eveline é perfeita a ponto de os tons vocais preencherem qualquer lacuna que poderia existir.

A voz cool de Eveline dá colorido e intensidade às composições que trazem um misto de Bossa e certa melancolia lusitana – como mostra *Polonaise*, poema de Adam Mickiewicz traduzido por Paulo Leminski e musicado por Wisnik: “Choveram-me lágrimas limpas/ Lágrimas ininterruptas/ Na minha infância campestre, celeste/ Na mocidade de alturas/ De alturas e loucuras/ Na minha idade adulta/ idade de desdita”. Em *Polonaise*, Eveline parece retroceder séculos, como se cantasse na velha Lisboa ao som nostálgico (e real) do cello de Jacques Morelenbaum, do baixo acústico de Zeca Asumpção e do piano de Wisnik.

Ela interpreta com graça e leveza *Comida e bebida*, música de Wisnik em parceria com Zé Celso Martinez, que coloca em destaque o violão de Mauricio Carrilho. O canto de Eveline é tão afinado e preciso que me permite associá-la à paulista Ná Ozzeti, uma de nossas maiores “damas da interpretação”. Ná também tem Wisnik como um de seus compositores prediletos: ela estudou canto durante anos e realiza trabalhos altamente refinados, o mais recente com o pianista André Mehmari.

Se Eveline Hecker não gravou antes nenhum disco solo é porque não tinha encontrado o parceiro perfeito. Wisnik e Eveline são uma coisa só: leves, naturais e profundos no entendimento da canção. A busca pelo “mais simples”, como diz uma das letras, é o reflexo desses dois artistas que vieram para trazer música, simplesmente música. Mas com grande sabedoria.